



Anotando...
Diário do Povo
1.4.58

Li (pesaroso) a notícia do fechamento da Casa Livro Azul, aquele estabelecimento veterano, que serviu a Campinas durante 82 anos. Fôra ele fundado pelo saudoso A. B. de Castro Mendes e eu ainda me recordo da firma, quando ela se localizava na rua Barão de Jaguará (entre General Osório e Bernardino de Campos), com suas bonitas vitrinas internas e tendo, bem para a rua, um grande livro azul. Não sei porque se chama ela Livro Azul, mas espero que meu prezado amigo Cleso de Castro Mendes me envie um bilhete, informando-me sobre os motivos dessa denominação. Muita gente boa (e que hoje está velha como eu), porque mais velhos do que nós era a tradicional e conceituada firma, entrou ali, quando criança, para comprar os seus livros, cadernos, ou borra-chas. E que tempos saudosos eram aqueles, quando se adquiria um lapis por cem reis, que hoje corresponderiam a dez centavos. O Livro Azul fechou, mas será sempre um dos grandes capítulos da história do comércio de Campinas. Muitos empregados para lá haviam entrado há dezenas de anos e, coisa notável nunca me lembro de ter visto algum deles ingressar com reclamações na Junta de Conciliação e Julgamento, o que prova que andavam bem com os patrões e tudo era resolvido de maneira justa e equânime. Quando A. B. de Castro Mendes faleceu, coube a seu filho Cleso, assumir o comando da organização, o que ele fez com maestria, conservando-a aberta por muitos anos, para felicidade de Campinas e de sua gente. Quem não se lembra daquele negrinho (boneco), vestido de vermelho, que piscava e mostrava a língua e que ficava à porta do Livro Azul por ocasião do fim do ano? E daqueles blocos grossos de fabricação própria de 200 ou 400 páginas, que custavam "no meu tempo", apenas dois ou três mil reis, mas que eram considerados caríssimos, porque conseguir o dinheiro era difícil? A Casa Livro Azul fez época, não ha duvida alguma. Ela honrou a cidade, porque constituia um patrimônio do seu comércio. Respeitou todas as normas da dignidade e contribuiu, ainda, para a formação cultural da Campinas do século passado, e princípios deste, quando A. B. de Castro Mendes transformava a sua empresa em um ponto de reunião dos intelectuais e artistas. Suas instalações tipográficas foram das maiores de todo o interior e muitos ali aprenderam a manusear os tipos e a trabalhar com o componedor e a bolandeira. A Casa Livro Azul hoje é apenas uma saudade, que cada vez aumentará bastante, sempre que nos recordarmos dos lapis e dos cadernos que ali comprávamos, vendidos às vezes pessoalmente pelo proprio Cleso, que era mais jovem do que hoje e, sempre e sempre, o exímio caricaturista e dono de um humor invejado por todos...